



O CORPO SOB PERSPECTIVAS *SINEST-ANALÍTICAS*: RUMO A PRODUÇÕES DE PESQUISAS (A)PÓS-ILUMINISTAS EM HUMANIDADES

William Scheidegger Moreira¹

RESUMO

Esta con/texto investigativo busca operar como espécie de “recorte” e(m) difusor de uma pesquisa mais ampla do que isto mesmo que tratamos aqui, uma teoria pós-estruturalista, a qual denomino como *sinest-análise*, produzida ao longo de meus estudos e(m) pesquisas elaborados e praticados durante meu curso de mestrado em Educação. Levantando reflexões, discussões e(m) pensamentos, dinamizados sob perspectivas rizomático-filosóficas, a *sinest-análise* propõe aos pesquisadores contemporâneos os desafios de re/pensarmos sobre o corpo de modos a considera-lo sob perspectivas e(m) práticas que possam ser análogas a ideias que denotem-nos determinados modos de re-fazermos e operarmos em nossas pesquisas desenvolvidas sob perspectivas teóricas pós-estruturalistas, o que venho compreendendo como movimentos pós-iluministas. Neste sentido, dentre outras mais, engreno estas propostas tomando como platô para tais efervescências e(m) ebulições filosófico-investigativas a seguinte questão: *o que do/sobre o corpo para além do Espelho-Narcisico?*

Palavras-chave: Sinest-análise. Corpo. Pós-estruturalismo. Pós-iluminismo. Liberdade.

INTRODUÇÃO

Sob considerações aos prismas e(m) interfaces dos movimentos e(m) ações corporais, as potências e(m) ações de linguagens escoam pelos corpos de modos que, simbólica e representativamente, como espécies de “fluxos comunicativos”, lançados aos espaços da consentida realidade como *rizomas* (DELEUZE, GUATARI, 1995).

Contemplando o corpo, que (se) comunica, em sua globalidade e(m) dinâmicas de “produções de si mesmo”, testemunhamos um organismo vivo (humano) capaz de operar práticas e(m)

ações estético-simbólicas caracteristicamente ornamentais, expressivas e con-figurativas, através das quais, este mesmo corpo que as “expõe”, “expele”, através de seus próprios “figurinos” e(m) ações, “aquilo que deseja comunicar”, de maneiras mais ou menos próximas, enquanto evidências e/ou legitimações de, sobre e a respeito de “um” (suposto) “si mesmo”.

O corpo é um fulcro orgânico-pulsante, vivo, através do qual, sob seus próprios atos operativos, como quiasma, rejunta e reajusta, na medida de seus próprios (e considerados) im/possíveis, seus próprios rearranjos estético-representativos, des/re/organizando-os, também generificadamente, de modos que sob acordos àquilo mesmo que os próprios (ditos) “sujeitos”, subjetivamente, desejam “chancelar” e alinhar enquanto imagens e(m) expressões de um “mais ou menos equivalente *eu*” – dentro de suas próprias condições pessoais e estético-performativas.

Ao longo dos últimos séculos, nos campos de produções de conhecimentos acadêmicos sobre Humanidades, podemos considerar que (re)pensar (sobre) as políticas, dinâmicas e(m) questões relativas ao corpo, em suas mais diversas possibilidades, interfaces e(m) extensões, vêm se constituindo enquanto movimentos desafiadores, atualmente repensados sob diversas perspectivas, e distintos investimentos teóricos – dentre eles, encontramos os denominados pós-estruturalistas, ao qual nos dedicaremos a refletir aqui.

Tal como temos visto através de diversos estudos e(m) pesquisas – tais como as relativas às (re)produções identitárias (SILVA, 2014), às produções em filosofias e(m) utopias corporais (FOUCAULT, 2013), a teoria queer (MOREIRA, 2022) e a sinest-análise (MOREIRA, 2021), por exemplo -, o corpo vem sendo repensado sob perspectivas, movimentos, operações, olhares, enredos, recortes, conceitos e(m) considerações diversas, de modos que, de “uma ou outras re/formas”, termina por constituir-se sempre enquanto espécie rascunho em circunscrição de, e sobre, determinadas erupções e(m) simulacros de “si mesmo”; algo que se reverbera como espécie de devir, sempre inacabado - espiral sempre inalcançável, em ideias, a quaisquer endereço fixo a respeito de suas próprias determinações enquanto aquilo que supostamente seja.

Em seu livro intitulado *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Guacira Louro (2016) explica que, para ela, “não há corpo que não seja dito e [e]feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias (p. 84). Sob acordo a tais perspectivas, potencialmente, encontramos condições e(m) possibilidades mais amplas em compreendermos àquilo que se

refere enquanto transitoriedades e(m) mutações inerentes aos próprios movimentos e(m) suturas relativas aos estudos e(m) modos de inteligibilidades sobre o corpo.

Refletindo sobre o corpo, em seu livro *O corpo utópico, as heterotopias*, Michel Foucault (2013) propõe as seguintes colocações:

Meu corpo está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação a ele como em relação a um soberano –, que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. *O corpo é o ponto zero do mundo* lá onde os caminhos e os espaços de cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (p. 14, *grifos meus*).

O corpo é a rosa-dos-ventos ao mesmo tempo em que os próprios pontos cardeais e(m) direções de e sobre o (suposto) eu/si mesmo que tende a (buscar por) re/construir ao longo da própria existência, sejam estes estético-representativos, con/figurativo-simbólicos, espaciais e/ou *imaginários* (WULF, 2013).

Neste sentido, o corpo que resguarda em si a substância fluida e complexa que o anima e o manifesta enquanto vida – a subjetividade, ou o imaginário –, é o mesmo que busca compreender a si mesmo enquanto o corpo que, incontestavelmente é – sob consubstancialidades inerentes àquilo que ele mesmo cria, re/vive, manifesta e materializa enquanto consentidas “evidências/verdades” de/sobre suas próprias funções, seus próprios suplícios, e suas próprias erosões e(m) corrosões e de suas reinventadas e re-acreditadas políticas e(m) (supostas) “realidades”.

Sob tais direções, o corpo é tomado como palco orgânico para as construções e(m) ornamentações de enredos que, em si mesmos, redefinem variações de um suposto “si mesmo”; onde, pelas próprias e inescapáveis *condição imaginária* (WULF, 2013), habita aquele mesmo ator que, através do próprio organismo (corporal), con-vive (em) suas manifestações como (supostas) evidências de um “eu”, e enquanto “sujeito” – individualidade, ao mesmo tempo em que simulacro identitário sob interpretação daquilo que se irradia e se re/produz, também, enquanto identidade (SILVA, 2014) coletiva.

Escoando sob tais fluxos teórico-conceptivos, esta pesquisa – caracteristicamente *sinest-analítica* (MOREIRA, 2021) –, se propõe a desenvolver movimentos e(m) reflexões pós-

analíticas (ST. PIERRE, 2018) que, talvez, possam vir a colaborar para com eclosões de pesquisas e(m) produções de conhecimentos que busquem por condições mais ampliadas em pensar sobre o corpo, considerando-o sob perspectivas e(m) influências de estudos e(m) pesquisas pós-estruturalistas.

NARCISO-REI: (RE)PRODUÇÕES DOS CORPOS SOB POLÍTICAS E(M) DINÂMICAS ESTETIZADAS DOS ESPELHOS

Podemos descrever a imaginação como uma potência que faz o mundo aparecer ao homem, no sentido do grego phainestai. Duas facetas dessa conceitualização precisam ser distinguidas. Por um lado, “fazer aparecer” implica que o mundo aparece ao homem e é percebido de maneira circunscrita pelas condições do ser humano. Por outro lado, “fazer aparecer significa conceber o mundo através de imagens mentais e cria-lo em conformidade formal. Imaginação por tanto é a energia que liga o homem ao mundo e vice-versa. Ela age como uma ponte entre interior e exterior, é de caráter quiástico e desdobra seu significado exercitando sua função (WULF, 2013, p. 22-23).

Considerando a ideia de que nossas potências imaginárias funcionem como espécies de “fios conectores/condutores” às edificações de tudo o que denominamos como realidade, de modos que seja através destas potências energético-imaginativas que tornamo-nos capazes de “ornamentar” e(m) adereçar nossos próprios modos de ver, perceber e interpretar o mundo, inteligivelmente, então, tornamos possível considerarmos a ideia de que, ao que se possa referir aos olhares humanos lançados sobre o mundo, a imaginação seria “a aquarela/o colorido” de toda e qualquer possível forma que dispomos para perceber(mos) o mundo.

O imaginário, portanto, seria considerado (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012) como o platô energético que engrena toda e qualquer ideia (d)e percepção humana, de modos que, através de suas próprias políticas e(m) irradiações, forja-nos, imperativamente, enquanto seres/espécie que atuam e praticam n/o mundo, submetidos às políticas e(m) movimentos de diferenciações, re-definições, re/agrupamentos e(m) re/classificações lançadas e compartilhadas – entre nós mesmos – a respeito de todo e/ou qualquer expressão e(m) evidência que possa ser captada e percebida por quaisquer de nossos sentidos – seja enquanto “algo”, seja enquanto “alguém”.

Através da imaginação, o corpo é recortado, ao mesmo tempo em que se recorta, por inúmeras políticas de representações e(m) simbologias que, rizomaticamente, vão se pormenorizando a medida em que, ao mesmo tempo, buscam correspondências a uma determinada totalidade – a

existencial. Assim, os corpos são generificados, racializados, sexualizados – como corpos “gays, lésbicos, bissexuais” e etc.

O corpo, então, se reveste de identidades sustentadas de diversas maneiras, sejam a partir de recortes consensualmente estéticos, sejam a partir de recortes *ritualísticos* (WULF, 2013), recriando assim modos de diferenciações diversos estabelecidos, como formas de inteligibilidades, entre os corpos, gerando, ao mesmo tempo, espécies de “subgrupos/(re/des)classificações de tipos de sujeitos”.

Pensando sobre questões relativas às re/produções identitárias, Tomaz Tadeu da Silva (2014), em seu livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, propõe a seguinte reflexão:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza [...]. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas de um mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, nos contextos das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (p. 76).

Ao revestirmos *e estruturarmos* os corpos identitariamente, edificamos e sustentamos emaranhados e(m) seriações de (des)pertencimentos a classes, grupos, tipos e/ou modelos “específicos de sujeitos” que, muitas vezes, tendem a ser tomados sob perspectivas “naturalistas” quando, em vista daquilo que denominamos enquanto realidade – esta, a qual partilhamos, coletivamente, enquanto corpo, como nos propõe como reflexões a *sinest-análise* (MOREIRA, 2021) -, não o são, senão apenas entre os frágeis limites das simbologias e(m) representações imaginário-consensuais que, se fora de quaisquer ideias e/ou pensamento humano/humanizado, “simplesmente”, desaparecem enquanto importância e/ou evidência (supostamente) “incontestável” (MOREIRA, 2021).

Aqui, nesta pesquisa, afirmo de modos diretos, que não há quaisquer pretensões em deslegitimar quaisquer lutas e/ou reivindicações identitárias uma vez que, fatidicamente, reconheço que inúmeros prejuízos – históricos, sociais, educacionais, culturais, econômicos, e etc. – foram *e ainda são*, de fato, alastrados ao longo do que compreendemos como história da Humanidade, sob infusões relativas a estes mesmos recortes e(m) princípios.

O que pretende-se aqui é pensar o corpo como *Quimera* (MOREIRA, 2021), produto e reprodutor de si mesmo, de suas próprias políticas, realidades, (re)invenções e(m) con-

textualidades; pensar o corpo sob os ínfimos de suas próprias pós-estruturas, tão fantasiosas e imaginárias quando fatídicas e realistas – na medida de seus próprios (im)possíveis, de modos a endereçar questionamentos e(m) reflexões sobre as epopeias histórico-poéticas - as quais, frequentemente, tenta-se re-produzir sob re-montagens de enredos (supostamente) lógicos, calculáveis e/ou lineares – quanto que de modos a desmistificar, des/re-construir seus próprios ouropéis (re)inventados enquanto aquilo que se poderia garimpar nos auspícios das *imagens* (ALLOA, 2017) e(m) *imaginações* (WULF, 2013).

As políticas de negociações estabelecidas entre os corpos, estas relacionais, que geral modos de endereçamentos estéticos, re/des-classificações como modos e(m) significações de inteligibilidades e estruturações de simbologias, recortes e(m) re/formas de conhecimentos identitários lançam esquemas e(m) esculturações aos primórdios daquilo mesmo que edifica as dinâmicas e(m) operações político-relacionais interpessoais experimentadas entre os corpos e por eles mesmos conduzidas enquanto contatos estabelecidos entre ditos sujeitos distintos.

Negociações, portanto, que poderíamos dizer e/ou considerar, que sepultam dentro de suas próprias ênfases, e(m) crenças, determinados entrelaçamentos e(m) mecanismos relacionais/de tratamentos suturados entre corpos/ (ditos) sujeitos que se encontram nos contextos e(m) rotinas dos cotidianos que experimentam, praticam e tecem uns com os outros, re-criando, assim, suas próprias (ditas e consentidas) realidades.

Tais formas e re/produções socioculturais de diferenças, identitarizadas/identitarizantes, poderíamos dizer, terminam por borrar/burlar determinadas ideias que, diante do nós mesmos testemunhamos, tornam-nos inteligivelmente um mesmo conjunto e(m) rejunte – como mesma espécie.

Não se trata de, no entanto, deslegitimar um ou outro pensamento, uma ou outra luta, uma ou outra suposta *ideia* de “verdade” a respeito do que somos, seríamos, fomos e/ou “deveríamos ser”; trata-se do desafio de desenvolvermos a nós mesmos como sujeitos potencialmente capazes de pensar sob perspectivas pós-estruturalistas nas produções acadêmicas contemporâneas em Humanidades que caminhem neste sentido; trata-se de buscar pensar em um campo *pós-iluminista* nas/para as Humanidades.

Em seu livro intitulado *A palavra e as coisas*, Michel Foucault propõe-nos a ideia de que, ao que se refere aos *conceitos* de igualdades e diferenças, enquanto práticas, estas tornam-se possíveis apenas pelas possibilidades que dispomos em imaginarmos, uma vez que, de acordo com o referido trabalho investigativo proposto pelo autor, as utopias da classificações/seriações,

tomadas sob medidas denominativas e comparativas de semelhanças e(m) similaridades e, logo, também, de diferenças e(m) desigualdades, foram tornadas possíveis pelos e através dos consensos socioculturais, por sua vez, possibilitados pela própria irradiação e(m) desenvolvimento daquilo mesmo que denominamos como linguagem complexa.

Assim, a caso pensássemos, imaginariamente – como de fato assim tudo o fazemos -, em um mundo no qual estariam abolidos tais princípios de equiparações, *equações*, comparações e/ou desnivelamentos classificatórios, *sejam das (des)ordens e(m) (res)sentidos que assim os re-façam, re/forcem e/ou os re/imponham*, a abrangência das próprias coisas enquanto aquilo que se expressam perante ao que elas mesmas irradiam/conjuram enquanto o que supostamente são seriam tão amplas, que sequer seria possível a existência de qualquer princípio comparativo e/ou que objetivasse agrupar: cada coisa, corpo e/ou objeto, sob tal perspectiva, então, seria único; tomado em especificidade como aquilo que, em definitivo, o é: único.

E pergunto se, por acaso, em esta utopia - distinta desta que tornamos possível, através da imaginação, enquanto (dita) realidade -, as silhuetas e(m) recortes estético-imagéticos (ALLOA, 2017) e simbólico-representativo-imaginários (WULF, 2013) fossem, de fato, reduzidos a singularidade e(m) especificidade daquilo que verdadeiramente, na utopia de uma realidade mesma dos fatos *sinest-analíticos* (MOREIRA, 2021) fossem, qual poderia ser, então, o lugar do corpo como unidade e imperador de sua própria majestade e(m) presença ritualístico-fatídica; aquele que se põe *atrás do Espelho* ao invés de postar-se, hipnoticamente, diante dele, reverberado como uma espécie de “mesmo outro” que, fatidicamente, sempre fora inexistente?

Re-pensar o corpo sob considerações à propostas, reflexões e(m) perspectivas que possam ser consideradas como pós-estruturalistas, onde aquilo que considero como “única via de regra”, nestas vertentes investigativas, seja a proposta de que nenhuma possibilidade, estrutura e/ou proposta seja, de fato, encerrada em si mesma, potencialmente, abre espaço para que diversos deslocamentos, re-negociações, desmistificações e(m) entrecruzamentos de novos/outros fluxos, ainda “incomuns” de ideias, pensamentos e(m) *insights* sobre aquilo mesmo que, com linguagens diversas – sejam elas textuais, imagéticas, ilustrativas, sinfônicas, musicais, performativas, e etc. – possam escoar e ganhar, produzir e/ou preencher formas e(m) movimentos ainda não vistos, ou pouco vistos, diante de nossas próprias produções de conhecimentos acadêmicos contemporâneos – sobre Humanidades.

Pensar, assim, sobre Corpo, de modos que tomando-o sob considerações as próprias epopeias – imaginário-figurativas (WULF, 2013), contextualizadas enquanto (regimes) de realidades

e/ou evidências verificadas enquanto “aquilo que se passa” – que, através de enlaçamentos e(m) movimentos socioculturais e político-educacionais, este próprio corpo ensina e aprende enquanto (suposta) “verdade verdadeira sobre si”, posicionando-as como um próprio teatro performativo-imaginário, sempre onírico, e consensualmente enredado, seria analisa-lo de modos que *sinest-analíticamente* (MOREIRA, 2021); ou seja, pós-Édipo-Rei.

O corpo que (se) compara e (se) re/des/classifica, no entanto, de fato, conta sobre parte de suas próprias histórias e(m) experiências no mundo (dito) real – “no mundo dos seres Humanos”, este imaginário (WULF, 2013) -, todavia, não sobre sua própria História no *mundo-gênese* (MOREIRA, 2021), onde, enquanto corpo, *no escuro*, compreende-se a própria existência enquanto poética, selvagem e feroz; existência que, sob regimes socioculturais e político-educacionais, para que, talvez, suportasse as dificuldades do mundo-gênese, onde a lei do mais forte imperou, por muito tempo, tornou-se, predador de si mesmo, sem, ao menos, alimentar-se de seus tomados e construídos enquanto semelhantes (MOREIRA, 2021).

Abrir espaço para o novo, no entanto – seja enquanto conceito, pensamento, reflexão, ação e/ou proposta -, mesmo que nas Humanidades, onde em face de todas as des-ordens e(m) atravessamentos pressupõe-se que as irradiações e(m) edificações concepcivo-interpretativas tenderiam ao ser, ao menos, “um pouco menos religiosas/dogmáticas” - em específico no que se refere aos movimentos pós-estruturalistas – pode ser um desafio doloroso para aqueles/as que, potencialmente, em desespero, temem às amostrar das próprias feridas diante de si mesmos; todavia, caso haja coragem para uma, talvez, transfiguração *transformação* de nossas próprias crenças e(m) ideais hegemônicas, potencial e coletivamente, daríamos lugar para produções acadêmicas, sobre Corpo, que poderiam ser consideradas, talvez, como *pós-iluministas* (MOREIRA, 2021).

Quem/o que/como “*sou eu*” se, acaso, posto-me *atrás* das ilusões do espelho e abandono meus próprios vícios como Narciso-Rei, para re-fazer, de mim mesmo, criatura singular, pensante e dotada de toda inteligência e erudição que, com frequência, os vieses acadêmicos tendem a me atestar enquanto aquilo que disto, daquilo e de mim mesmo – enquanto parte destas mesmas extensões – me compõe e sou composto enquanto Ser? O que sobra de m-eu corpo se, por acaso, imagino apagá-lo enquanto tudo o que de mim e em mim mesmo imagino ser enquanto “eu”, “sujeito” e/ou enquanto “alguém”?

Em acompanhamento aos fluxos, intersecções, reflexões e(m) práticas pelas quais suturou-se este con/texto teórico-prático sobre corpo, venho dizer-lhes que, dentre gamas e(m) variações



das potencialidades e(m) possibilidades levantadas pela *sinest-análise*, há de se considerar desempenhos e buscas por novos/outros modos de produções de conhecimentos pós-estruturalistas em Humanidades – tanto práticos, quanto teóricos -, de modos a ampliarmos e/ou ao menos borrarmos as atuais margens e(m) limites que tendem a nos confundir diante destes e de outros mesmos processos investigativos potencialmente capazes de exercitarmos movimentos investigativos que possamos denominar como *pós-iluministas*.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, W. S. Luminologia e(m) Educação, (à)pós-loucura: uma proposta sinest-analítica: Corpo, Educação, Arte, Literatura e Filosofia em foco. Dissertação. Rio de Janeiro, 139 p., 2021;

SILVA, T. T. (*org.*). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014;

FOUCAULT, M. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2013;

WULF, C. Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo, Hedra, 2013;

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016;

ALLOA, E. (*org.*). Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017;

BUTLER, J. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017;



FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. Aproximações ao imaginário: bussola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012;

ST. PIERRE, E. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação”. *Práxis Educativa*, p. 1044-1064, 2018;

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1, Editora 34, 1ª Ed., 1995.

BAKER, K. Encontrando o meu caminho para a a/r/tografia. *Revista VIS: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arte*, 16(2), 8-26, 2017;